

NAYOLA

Longa-metragem de animação

Argumento e diálogos
de Virgílio Almeida

Baseado na peça de teatro "A caixa preta"
de José Eduardo Agualusa e Mia Couto

2020

FADE IN:

1 EXT. FLORESTA -- MADRUGADA

Chove sobre uma floresta luxuriante. Um INSECTO colorido, voa e pousa no tronco de uma árvore.

YARA (O.S.)

Sonhei com um homem correndo. O homem estava nu e corria no capim alto.

EKUMBI (22 anos), um homem espadaúdo com o cabelo rapado, surge a correr, nu.

YARA (O.S.)

Ouvi tiros. Alguém o perseguia. Não sabia quem.

Ekumbi trepa sobre rochas, balouça nas árvores, escapa às balas que o querem caçar. Galga um monte e é baleado. Tomba num charco. Tenta reerguer-se, mas acaba por submergir, lentamente.

YARA (O.S.)

Caiu de bruços na lama.

Os Soldados que o abateram, atravessam o charco numa corrida rápida, sem o verem.

YARA (O.S.)

Então uma árvore começou a crescer no lugar onde o homem desapareceu. Uma mulemba muito alta.



O rebento de uma mulemba* desponta num charco e cresce prodigiosamente.

Num ápice, o rebento é um tronco exuberante, repleto de galhos que se ramificam em ramos viçosos que formam a cabeleira de uma mulemba mágica.

2 EXT. FLORESTA -- DIA

Ao som do chilrear dos pássaros, subimos pelas copas verdes da espantosa mulemba, banhada pelos raios de sol, até alcançarmos as nuvens, e descobriremos a floresta e um rio que serpenteia até aos montes que se erguem no horizonte.

Pára de chover. Um bando de AVES plana sobre a floresta.

Vislumbramos NAYOLA (19 anos) avançando por um caminho de terra batida, no topo de um monte, segurando uma sacola de viagem.

Nayola tem traços finos, olhar intenso, lábios carnudos e o cabelo penteado em madeixas que lhe caem à altura do queixo. Veste saia e uma camisola de alças. Passa junto a um camião militar incendiado na berma e ainda fumegante. Pára a ver o sol deslumbrante no horizonte, ao som do canto das aves e dos insectos.

LEGENDA: ANGOLA, 1995.

De repente, uma granada explode no solo, a pouca distância dela, logo a seguir outra granada abre outra cratera fumegante no solo.

Nayola espregueira a fuga, por entre o capim dourado, de uma coluna de SOLDADOS surpreendida pelo ataque.

A cabeça de Nayola emerge do capim alto para sondar a presença dos Soldados. Volta a refugiar-se no capim e avança gatinhando. Abeira-se de uma pequena clareira vermelho-sangue onde alguns INSECTOS agonizam. Nayola agarra num Insecto que rodopia na palma da sua mão. De repente, o Insecto move e recolhe as asas, criando a imagem de uma máscara africana na carapaça. Nayola assusta-se com a camuflagem do Insecto.

Alguém corre perto dela. Estala um tiro. Uma mina esvoaça por cima da cabeça de Nayola, depois o corpo de uma MULHER-SOLDADO tomba junto dela, espalhando minas à sua volta. Nayola olha para o cadáver da mulher e depois espregueira em redor. Vemo-la colocar as minas dentro do balde que a Mulher-Soldado carregava.

Vislumbramos por entre o capim, soldados a perseguirem outros soldados. Gritos e tiros. Pouco depois, Nayola corre com o balde com minas à cabeça, envergando a roupa da Mulher-Soldado abatida e junta-se ao pelotão em fuga.

TÍTULO DO FILME: NAYOLA.

CUT TO:

3 EXT. ESTRADA MINADA (MATO) -- DIA

Vistas à distância, MULHERES-SOLDADO parecem cavar a terra para plantar sementes, mas aproximamo-nos para descobrir que "plantam" minas, numa estrada de terra batida.

A mão de uma SOLDADO escava um pequeno buraco no chão com uma enxadinha, coloca a mina no buraco, activa o detonador, tapa o buraco e alisa a terra com cuidado.

Nayola "planta" uma mina e depois olha de soslaio para ver se alguém a observa. Simula o gesto de activar o detonador, mas não o faz. cobre o buraco com terra e alisa-o com cuidado.

Inspira fundo e encara com angústia aquela estrada fatal.
Tem uma premonição.

4 VISÃO MORTÍFERA DE UM CAMPO DE MINAS

Duas linhas paralelas de plantas emergem do solo: de um lado, florescem pés de milho e massarocas; do outro lado, despontam caules com caveiras humanas que se desconchavam como esqueletos mórbidos.

Um barulho de passos fá-la olhar para trás, e nesse momento, a coronha de uma metralhadora dá-lhe uma forte pancada na nuca.

FADE OUT:

FADE IN:

5 EXT. ACAMPAMENTO MILITAR -- DIA

PONTO DE VISTA DO FUNDO DE UM BIDÃO DE GASÓLEO

A cabeça de Nayola submersa num bidão cheio de gasóleo. Só lhe vemos os cabelos por onde a vida se escapa em silêncio.

Um SOLDADO AMEAÇADOR fá-la emergir, puxando-a pelos cabelos. O movimento liberta bolhas de ar no gasóleo. Um CABO, pequenote e sádico, pergunta-lhe de braços cruzados:

CABO SÁDICO

(autoritário)

Porquê?! Porque é que tu fizeste
isso?

Nayola não lhe responde. O Cabo faz um sinal ao Soldado, que volta a mergulhar a cabeça de Nayola no gasóleo.

PONTO DE VISTA DO FUNDO DE UM BIDÃO DE GASÓLEO

Nayola não resiste. Os músculos do rosto não revelam tensão, os olhos e os lábios fechados também não. A tortura transporta-a para uma memória de amor.

FADE OUT:

FADE IN:

6 MEMÓRIA DE UMA ESCOLHA DILACERANTE

Nayola, sentada no chão, segura na mão de uma criança, a sua filha Yara, que está de pé. Olham-se demoradamente.

O remorso ressoa na cabeça de Nayola.

NAYOLA (V.O.)

O coração da bebé puxava para um lado...

EKUMBI afaga o rosto de Nayola.

NAYOLA (V.O.)

... o dele para o outro.

Nayola puxa Yara para si, estica as pernas e eleva o corpo da filha sobre os joelhos. Yara abre os braços a brincar de avião.

NAYOLA (V.O.)

Tentei, tentei que o meu batesse no meio...

Nayola e Ekumbi abraçam-se e os seus corpos fundem-se.

NAYOLA (V.O.)

... mas o meu coração...

Yara encosta a cabeça e o corpo ao ventre da mãe.

NAYOLA (V.O.)

... arranjava sempre maneira de ir ter com o dele...

Nayola recua. Yara começa a ondular como se fosse líquida.

NAYOLA (V.O.)

... e uma noite não voltou.

Yara desvanece-se.

BACK TO:

7 EXT. ACAMPAMENTO MILITAR -- DIA

O Soldado volta a fazê-la emergir, puxando-a pelos cabelos.

CABO SÁDICO

(autoritário)

Estou-lhe a baptizar para nunca mais esquecer que mina é para rebentar.

O Cabo tira um isqueiro do bolso da camisa.

CABO SÁDICO

Se tu voltas a pôr a nossa missão em risco...

O Cabo acende a chama do isqueiro e aproxima-a dos cabelos de Nayola empapados em gasóleo.

CABO SÁDICO

... queimo-te viva!

Nayola inspira fundo, sôfrega de ar.

NAYOLA

(*azamboada*)

A Yara vai perdoar-me.

SOLDADO AMEAÇADOR

(*para o Cabo*)

Entrou gasóleo para os miolos dela.

GARGALHADAS.

O Soldado atira Nayola ao chão. A marimba e os batuques despertam alvoraçados e os Soldados começam a dançar à volta do corpo imóvel de Nayola.

CUT TO:

8 EXT. LUANDA -- DIA

Como um pássaro vagaroso, planamos em silêncio sobre um mosaico de contrastes onde coabitam arranha-céus vanguardistas com teimosos edifícios de traça colonial e musseques rebeldes. Há guindastes e estaleiros de construção civil por todo o lado.

LEGENDA: ANGOLA, LUANDA, 2011.

Aqui e acolá, resistem algumas árvores frondosas, acácias, mulembas e palmeiras, aprisionadas entre buracos que já foram ruas e estradas com carros parados em filas caóticas, por onde se escapam enxames de motas, e gente, muita gente, a caminhar em todas as direcções.

9 EXT. MUSSEQUE (LUANDA) -- DIA



Descemos sobre um musseque*, e logo uma cacofonia de ruídos e de vozes humanas, se apodera de nós. Surpreendemo-nos com as coberturas dos casinhotos, um puzzle de chapas de zinco seguras por pedras, aparelhos de ar condicionado obsoletos e antenas parabólicas.

YARA (16 anos) vira numa esquina com uma mochila às costas, esquivando-se a uma Pick-Up da Polícia. Usa umas *jeans* justas e uma T-shirt às riscas. Seguimo-la por um labirinto de ruelas de terra vermelha que esbarram invariavelmente em paliçadas intransponíveis de sucata e lixo. O musseque é um ser vivo.

Finge-se imóvel como os corais no fundo do mar, mas é a maior criatura da cidade, sempre à espreita, esfomeada, ruidosa e indomável.



Yara passa junto a um grupo de QUITANDEIRAS* que vendem peixe fresco e bananas. CRIANÇAS com máscaras carnavalescas jogam futebol.

À cautela, Yara espreita para a ruela antes de avançar. Aproveitamos para a observar. É bonita, usa o cabelo muito curto e tem um olho verde e outro castanho.

Dois POLÍCIAS, segurando armas automáticas, avançam ao longo de uma ruela. Outro POLÍCIA dirige-se aos colegas, vindo do sentido oposto, como se estivessem a patrulhar aquela zona do musseque. Yara topa os Polícias e recua para não ser vista, no preciso momento em que um dos Polícias, se volta para trás como se a tivesse pressentido. Yara mantém-se imóvel, com o corpo colado à parede da casa da esquina. Um candongueiro* irrompe na ruela. Yara esgueira-se entre a viatura e os casebres, e escapa à vigilância dos Polícias.



10 EXT. LARGO - MUSSEQUE (LUANDA) -- DIA

Yara surge no centro de um largo, rodeada por viaturas. Um candongueiro aproxima-se e pára para deixar sair e entrar passageiros, alguns com máscaras de Carnaval. Yara tira um CD da mochila, agarra-se à janela da HiAce e estende o CD ao MOTORISTA.

YARA

Duta, põe o meu rap a tocar na tua HiAce. Quero espalhar o meu som para o povo me sentir.

O Motorista rejeita o CD.

MOTORISTA DA HIACE

Não dá mana. O meu boss não deixa.

YARA

Che wi! Estás-me a fatigar.
(*persuasiva*)
Faz só isso.

O Motorista nega com a cabeça.

MOTORISTA DA HIACE

(*para o Cobrador de bilhetes*)
Cobelo, mete o pessoal no carro e tira essa miúda daí. Estamos apressados.

MOTORISTA DA HIACE

(para Yara,
mal-humorado)

Sai!

O Motorista enxota Yara com o braço.

A buzina de outra HiAce, faz Yara dirigir-se na sua direcção. Yara interpela o Cobrador mostrando-lhe o CD.

YARA

Meu cota Cobelo, conseguiste ouvir o meu som?

COBRADOR

(dramático)

Não imaginas o mambo que me aconteceu. Ontem os bongós* pararam-me, levaram todos os teus CD.

YARA

(desolada)

Possa...

COBRADOR

Deram-me porrada e ficaram com todo o meu dinheiro.

YARA

(envergonhada)

Meu cota, desculpa. A minha intenção não era essa. Só quero espalhar o meu som, mais nada.

COBRADOR

Eles estão com medo das tuas músicas, Yara, isso é bom.

O Cobrador agarra no CD, entra na carrinha e arranca. Ao som da HiAce a afastar-se, ficamos com olhar animado de Yara.

CUT TO:

11 EXT. LARGO DOS ENGRAXADORES (LUANDA) -- DIA

Um JOVEM ENGRAXADOR dá polimento no sapato de um CLIENTE que encaixa numa prótese.

Na esquina em frente, um PUTO lava uma mota, estacionada junto a outras motas.

Yara atravessa a estrada, passa junto ao Puto, saúda o SEGURANÇA de um prédio e entra.

12 **EXT. TERRAÇO DO TELHADO DE UM ARRANHA-CÉUS INACABADO
(LUANDA) -- DIA**

A banda de hip-hop de Yara ensaia longe dos olhares dos mirones e dos ouvidos dos bufos.

BOLA (17 anos), um jovem gordinho, percute o *beatbox* com a voz. GINGA (15 anos), de boné com a pala para trás, toca *cajón*. Yara "atira" frases de rajada, no discurso rítmico de um *rap*.

YARA

Bem-vindos a Angola
onde os mambos acontecem
vivemos de ironia
e vocês todos já conhecem.
O sexo é profissão
pequenos putos são bandidos
são lutas de garras
dias a dias,
conseguidos.

GINGA

É preciso lutar
p'ra poder alcançar
não mudo os meus ideais
p'ra convencer os meus pais.
O caminho é p'ra a frente
não devemos olhar p'ra trás
faça chuva ou faça sol
esta merda tem que acabar.

Bola solta uma gargalhada.

BOLA

(entusiasmado)

Mano, mano, mano. Está porreiro!
Vamos fazer essa maquete, já!

Yara sorri de aprovação.

YARA

É isso mesmo Bola. Amanhã nós vamos
pegar o nosso rap e espalhar no show.

GINGA

(apreensivo)

Eu acho mais seguro darmos um tempo.
Com a desculpa do Carnaval, as ruas
estarão cheias de bongós. Podem
apanhar-nos.

YARA

(aborrecida)

Mas Ginga, você só acha, acha, nunca tem certeza.

GINGA

(lacônico)

Acho.

YARA

(imita o tom receoso de Ginga)

As ruas vão estar cheias de bongós e vão-nos apanhar.

(audaz)

Esquece isso Ginga!

GINGA

(para Yara)

Yara, na prisão não servimos para nada!

YARA

Ginga, eu prefiro a prisão a ficar trancada em casa como a minha avó.

GINGA

Mas o rap é guerrilha. Tu cantas e foges. Voltas a cantar e voltas a fugir.

Yara nega.

YARA

Nunca.

Bola ri.

BOLA

(para Ginga)

Mano, o Carnaval é a nossa melhor oportunidade. Podemos aproveitar a confusão para espalhar a nossa cena.

YARA

Eu concordo contigo Bola porque o medo deles é que a população se revolte. A mudança começa aqui e agora, com o nosso rap que bate.

GINGA

(para Yara)

És uma rapper, não és o Rambo. Cantas e foges. Assim, nunca te calam. Percebes?

Ginga levanta-se e coloca a sua sacola ao ombro.

GINGA

Se estiverem nessa eu estou fora.

Ginga dá meia-volta e afasta-se.

YARA

Podes ficar fora porque eu e o Bola vamos dar conta disso! Bola solta o nosso beat.

Bola percute o *beatbox* e Yara retoma o rap. Ouvimo-la enquanto a câmara transpõe o murete do telhado e desce sobre a cidade anestesiada nas rotinas diárias pela sobrevivência.

CUT TO:

13 EXT. ACAMPAMENTO MILITAR -- CREPÚSCULO

O recital das CIGARRAS paira sobre um acampamento militar montado num palmeiral.

14 INT. TENDA -- CREPÚSCULO



Nayola entra na tenda e senta-se ao lado de três combatentes, a MULHER-SOLDADO DESCONFIADA, o SOLDADO BARBUDO e o SOLDADO MÍOPE, que comem fuba*.

A sua presença não desperta curiosidade entre os combatentes que continuam a jantar.

Nayola tira um pedaço de fuba com a mão do fundo do tacho e molda-o numa pequena bola que leva a boca. Mastiga em silêncio.

NAYOLA

(baixando o tom de voz)

Lutaram com um camarada com um olho verde e o outro castanho? Chama-se Ekumbi.

A Soldado franze o sobrolho.

MULHER-SOLDADO DESCONFIADA

Queres saber porquê?

NAYOLA

É o meu marido. Deram-no como desaparecido em combate. Estou à procura dele já há um ano.

(expectante)

Ninguém lhe viu?

SOLDADO BARBUDO

Qual é o nome de guerra dele?

Nayola hesita.

NAYOLA

Nome de guerra?... Não sei.

O Soldado Míope pergunta incrédulo, piscando os pequenos olhos por detrás das lentes dos óculos.

SOLDADO MÍOPE

Se não sabes o nome de guerra do teu marido, como o vais encontrar?

Nayola parece ceder por momentos à desilusão, mas depois tira uma fotografia do bolso. Mostra-a aos três combatentes que em silêncio, desviam o olhar depois de verem o homem na fotografia. A Soldado retoma a conversa sempre num tom aguerrido.

MULHER-SOLDADO DESCONFIADA

Quem é que te disse que ele estava aqui?

Nayola responde, desiludida, enquanto acaricia a fotografia entre os dedos.

NAYOLA

Foi ele. Mandou recado por um camarada mutilado.

MULHER-SOLDADO DESCONFIADA

Há quanto tempo?

NAYOLA

(murmura)

Há oito meses.

Olham-se. A Soldado indica o ATIRADOR (32 anos) com um movimento de cabeça.

MULHER-SOLDADO DESCONFIADA

É melhor perguntares ao Atirador. Já fez mais guerra que nós todos juntos.

O Atirador pressente o olhar das camaradas e encara-os. É um homem alto, de longas rastas, barba e um olhar acutilante.

Nayola e o Atirador trocam um olhar demorado.

CUT TO:

15 EXT. SERRA -- DIA

Os picos de uma serra impiedosa erguem-se à frente de Nayola. Os Soldados sobem um trilho estreito e perigoso. Um relâmpago fere o céu, seguido pelo ribombar de um trovão. Um aguaceiro tropical cai sobre eles. Nayola abriga-se num recorte da escarpa. O Atirador aproxima-se dela, com uma viola na mão, e entrega-lhe o instrumento.

ATIRADOR

Não a deixes apanhar água.

Nayola segura a viola e protege-a junto ao corpo.

ATIRADOR

Desembucha! Qual é o teu problema?

NAYOLA

Lutaste com um camarada com um olho verde e o outro castanho?

O Atirador ri-se.

ATIRADOR

Lutei com camaradas com olhos de todas as cores.

NAYOLA

Chama-se Ekumbi. É o meu marido.
Deram-no como desaparecido em combate.
Ando à procura dele há um ano.

Nayola tira do bolso a fotografia de Ekumbi e mostra-a ao Atirador.

NAYOLA

Esta foto ajuda?

O Atirador segura-lhe o punho enquanto olha para a fotografia.

ATIRADOR

Se eu me lembrar de alguém, eu aviso.

Olham-se nos olhos.

NAYOLA

Se quisesses encontrar alguém nesta guerra, fazias como?

ATIRADOR

Mantinha-me vivo, Nayola.

(avisa em Umbundo)

Aqui dentro é a casa dos mascarados e ninguém sai.

(retoma em português)

Tens aqui um nó lixado.

Aponta-lhe a garganta.

ATIRADOR

É melhor desatá-lo, antes que te engasgue.

O aguaceiro esgota-se, tão depressa como começou. O Atirador pega na viola e afasta-se.

CUT TO:

16 EXT. CASA DE LELENA - MUSSEQUE (LUANDA) -- DIA

Observamos LELENA (60 anos), a espreitar a rua à porta de sua casa. De repente, como se tivesse pressentido a nossa presença, Lelena recua e fecha a porta. Entramos em casa.

CUT TO:

17 INT. COZINHA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- DIA

Lelena dirige-se ao fogão, arrastando as pernas. Remexe a sopa com uma colher de pau. Vira-se e põe a mesa para o jantar, pratos de sopa e colheres para três pessoas. Depois fita a mesa com angústia no olhar. A vida foi dura com Lelena, enrugou-lhe a coluna e colou-lhe tristeza no rosto. Usa um vestido cor de mel, um pano enrolado na cabeça e um vistoso colar de missangas.

Atrás dela, numa estante, vemos dois relógios iguais, um a trabalhar, o outro parado no Tempo com o vidro partido.

Ouvimo-la mexer em talheres. Afasta-se e vemos uma moldura com uma fotografia de Nayola rabiscada com batom vermelho.

CUT TO:

18 EXT. LARGO DOS ENGRAXADORES (LUANDA) -- ENTARDECER

Yara sai do prédio, distraída. Ladeia o Puto que continua a lavar motas. Ao atravessar a estrada, levanta a cabeça e

depara com o CHEFE DA POLÍCIA, a quem o Engraxador dá lustre na bota. Yara olha à sua volta e descobre que os dois Polícias de quem se esquivou no musseque, avançam na sua direcção, de bastões nas mãos, um de cada lado da rua, cortando-lhe os pontos de fuga. Recua na direcção do prédio, mas é confrontada por um terceiro Polícia que segura Ginga.

Yara e Ginga trocam um olhar desolado. Yara levanta os braços como se aceitasse a detenção, lentamente tira a mochila das costas, abre-a, despeja os CD no chão, mas de repente, pontapeia-os na direcção dos Polícias.

OS POLÍCIAS investem para Yara. Um deles escorrega nos CD e estatela-se no chão. O outro consegue agarrar Yara, junto ao carro-patrolha e rasga-lhe a T-shirt. A jovem debate-se, salta para cima do capot do carro-patrolha e consegue fugir-lhe, mas o Polícia que tinha caído ao chão, agarra-a pela mochila. Yara dá-lhe uma cotovelada e escapa, a correr o mais rápido que consegue. Os Polícias perseguem-na. O carro-patrolha também.

O Puto aproxima-se dos CD espalhados pela estrada e pega num.

CLOSE UP NA CONTRACAPA DO CD "PAÍS NOVO"

Vemos os títulos das faixas do CD. O Puto vira o CD.

CLOSE UP NA CAPA DO CD "PAÍS NOVO"

Vemos uma fotografia de Yara.

CUT TO:

19 EXT. ACAMPAMENTO (CLAREIRA DE UM PALMEIRAL NO SOPÉ DA SERRA) -- DIA

Os primeiros soldados que chegaram já montaram o acampamento. Descansam, conversam, fumam e jogam jogos antigos em "tabuleiros" riscados na terra.

A melodia do dedilhar de uma viola atraí-nos até uma árvore de grande porte. Sentado, encostado ao tronco da árvore, o Atirador revela-se um músico talentoso confiscado pela guerra.

Nayola aproxima-se e encosta suavemente o corpo e as palmas das mãos ao tronco da árvore.

NAYOLA

Mulemba, mulemba...

Nayola abraça o tronco da árvore e vai dobrando os joelhos e deslizando ao longo do tronco da árvore enquanto declama a

letra de uma velha canção, ao som da melodia tocada pelo Atirador.

NAYOLA

(em Quimbundo)

Encontro-me na tua sombra aconchegante
e na firmeza das tuas raízes,
permanecemos amantes.

Nayola senta-se, recosta-se no tronco da árvore e abraça os joelhos.

NAYOLA

(em Quimbundo)

Aqui o tempo não existe e somos
felizes.
A alma continua em sombra,
a presença que sustenta a terra
e nos faz sobreviver,
a qualquer guerra.

Quando Nayola se cala, o Atirador pára de tocar e pousa a viola no chão.

ATIRADOR

Bonito isso. Quem te ensinou?

NAYOLA

Aprendi com a minha mãe. Ela cantava
muito, antes do meu pai morrer.

ATIRADOR

Quando a guerra terminar vais ser
cantora.

NAYOLA

Não. Gosto mais de escrever.

ATIRADOR

Escrever o quê?

NAYOLA

As minhas histórias, os meus sonhos.

O Atirador cita Che Guevara:

ATIRADOR

Lutam melhor os que têm belos sonhos.

NAYOLA

As armas também matam sonhos.

Calam-se por segundos, até o Atirador decidir partilhar uma memória.

ATIRADOR

Foi numa operação no Norte, na zona dos petróleos no Soyo. O nosso pelotão estava cercado. Após combatermos a noite toda, havia alguns feridos. O Sol começava a nascer e a dissipar o cacimbo que nos protegia.

Cala-se e hesita na revelação, mas continua.

ATIRADOR

Havia um camarada chamado Venga.

Nayola reage logo e procura o olhar do Atirador.

ATIRADOR

Largou a arma, despiu o uniforme e sorriu. Parecia um louco, o sacana do gajo. Tinha um sorriso bonito. Meteu-se pelo mato a correr. O inimigo foi atrás dele e nós aproveitamos para escapar.

(pausa)

Na minha cabeça, ainda consigo ver aquele olhar.

O Atirador fecha os olhos e encosta a cabeça ao tronco da árvore, visivelmente emocionado.

NAYOLA

Esse Venga, é o meu Ekumbi?

ATIRADOR

Nayola, esquece o Ekumbi da tua fotografia.

(em Quimbundo)

Se queres encontrar o teu marido, procura com o coração.

NAYOLA

Mas como?

A trovoadá volta a rugir no céu. O Atirador faz-lhe sinal de silêncio. O rugido torna-se cada vez mais ensurdecedor e, de repente, um MiG 19 sobrevoa-os fatídico e larga uma bomba que abre uma cratera medonha no centro do acampamento. Tudo estremece e pega fogo. Alguns Soldados são atingidos, outros dispáram para o caça.

Imperturbável, o Atirador avança desarmado em campo aberto. Nayola segue-o. O Atirador apanha uma bazuca do chão, junto a um camarada ferido e avança. Nayola agarra na mochila do camarada ferido e aproxima-se do Atirador que já se apoiou num joelho uns metros à sua frente. Só estão eles e os cadáveres dos camaradas na clareira do palmeiral.

Nayola tira uma granada-foguete da mochila e dá-a ao Atirador que carrega a granada-foguete na bazuca. Descontrolada pela emoção da descoberta da primeira pista sobre o paradeiro do marido e o pavor do ataque aéreo, Nayola dispara uma rajada de perguntas no momento mais inoportuno.

NAYOLA

Aquela história, quando é que
aconteceu? Achas que ele desertou?
Foi para o sul, foi para o leste?

O Atirador ignora as perguntas de Nayola, apoia a bazuca no ombro, aponta para o céu e fica à espera do MiG 19.

Nayola puxa o Atirador pelo ombro, desequilibrando-o.

NAYOLA

Fala! Onde é que ele está?

ATIRADOR

Sai, afasta-te!

O Atirador empurra Nayola.

O MiG 19 "pica" sobre o acampamento descarregando o canhão. As balas zumbem à volta deles como assobios de morte. O Atirador cai para trás alvejado num ombro. Nayola socorre-o.

NAYOLA

(*aflita*)
Atirador!

O Atirador estende-lhe a bazuca.

ATIRADOR

Pega na bazuca. Anda Nayola, aponta
para a cabeça do avião.

O MiG 19 volta a "picar" sobre o acampamento e a descarregar o canhão. Nayola segura na bazuca e apoia-a no ombro.

CUT TO:

20 EXT. FORMAÇÃO ROCHOSA (DESERTO) -- NOITE



A mão de um SAN* tira uma COBRA do interior de uma cabaça.

ATIRADOR (O.S.)

Dispara!

BACK TO:

**21 EXT. ACAMPAMENTO (CLAREIRA DE UM PALMEIRAL NO SOPÉ DA SERRA) --
DIA**

Nayola faz mira ao caça.

CUT TO:

22 EXT. FORMAÇÃO ROCHOSA (DESERTO) -- NOITE

O San tem o arco armado com a cobra, como se esta fosse uma flecha mágica, e faz pontaria para o céu.

BACK TO:

**23 EXT. ACAMPAMENTO (CLAREIRA DE UM PALMEIRAL NO SOPÉ DA SERRA) --
DIA**

Nayola dispara a bazuca.

CUT TO:

24 EXT. FORMAÇÃO ROCHOSA (DESERTO) -- NOITE

O San dispara a flecha-cobra.

BACK TO:

**25 EXT. ACAMPAMENTO (CLAREIRA DE UM PALMEIRAL NO SOPÉ DA SERRA) --
DIA**

A granada-foguete avança na direcção do MiG 19 e atinge-o.

O MiG 19 explode no céu numa nuvem cinzento-esbranquiçada.

Os destroços do caça despenham-se sobre a clareira numa sucessão de explosões, labaredas e nuvens de fumo.

O Atirador apoia um braço no ombro de Nayola e afastam-se. Uma roda do MiG 19 quase os esmaga.

CUT TO:

26 INT./EXT. COZINHA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- NOITE

O estrondo da queda e da explosão do MiG 19 coincide com Yara entrar em casa apressada e bater a porta da rua com força. A vibração solta a correia da roda da velha máquina de costura.

LELENA

Mas que fúria menina!

Lelena volta a pôr a correia na roda da máquina de costura.

Yara pousa a mochila no chão, afasta um pouco a cortina da pequena janela da porta e espreita para o exterior.

PONTO DE VISTA DE YARA

Um dos Polícias que a emboscou na cidade, acerca-se de uma casa na rua defronte.

Yara larga a cortina, e encosta o corpo à parede, no preciso momento em que a silhueta do outro Polícia passa junto à porta.

LELENA

Isto são horas de chegar?

Yara avança na cozinha, brincando com a avó que costura um "traje de panos" com um tecido estampado com coloridos motivos africanos.

YARA

Tic-tac, tic-tac, tic-tac.

Agarra no relógio avariado e aproxima-se da avó que continua a costurar.

YARA

Ter horas marcadas é como ter piolhos, mamã.

Beija a avó.

YARA

É preciso catar as horas, catá-las antes que nos suguem a vida.

Exibe o relógio avariado à avó.

YARA

Por isso que eu gosto tanto deste relógio.

Lelena tira-lhe o relógio das mãos, afaga-o e aperta-o de encontro ao peito.

LELENA

Estás farta de saber que foi a tua mãe que mo deu.

Lelena aponta para um rasgão na camisola da neta.

LELENA

O que aconteceu à tua camisola?

Yara deixa-se cair no sofá, de braços abertos, como se estivesse a viver um dia maravilhoso.

YARA

(bem-humorada)

Ficou presa num prego, mamã. Não tem homem bonito que me agarre, sobra prego ferrugento.

LELENA

(desabafa em Quimbundo)

Que mal fiz eu a Deus!

YARA

Deus anda distraído.

LELENA

Chiu! Se voltas a abrir essa boca, fecho-te em casa até ganhares juízo.

Uma rajada fere o céu sobre o musseque.

LELENA

Foi uma Kalashnikov.

YARA

São foguetes mamã, é o Carnaval.

Lelena suspende a costura, levanta-se e dirige-se ao fogão.

LELENA

Mas o que é que eles festejam?

YARA

Festejam a vida.

Lelena pega na panela.

LELENA

A vida... com tiros?!

Lelena sorri da loucura daqueles tempos e serve sopa em dois pratos. O terceiro prato desapareceu da mesa. Comem em silêncio durante uns segundos.

YARA

Mamã, quero falar de um assunto.

LELENA

Vais é comer a sopa.

YARA

Porque é que empurraste o meu pai para a guerra?

Yara pára de comer. Lelena encara a neta.

LELENA

O teu pai queria mudar a condição do nosso povo. Fiquei do lado dele.

YARA

Contra a minha mãe.

LELENA

Você não corta as asas ao falcão. Dá-lhe carne crua para ficar forte.

YARA

Carne crua não resultou para nenhum deles, senão estavam aqui comigo.

Lelena remete-se a um silêncio comprometedor. Yara levanta-se.

YARA

Até amanhã, mamã.

Yara beija a avó.

LELENA

Até amanhã minha neta.

Yara dirige-se desanimada para o quarto, empurra a porta do quarto, mas pára, e volta a questionar a avó.

YARA

Mamã --

Lelena interrompe a neta.

LELENA

Já sei o que vais perguntar.

(expira fundo)

Não creio que os teus pais estejam vivos. A guerra acabou há oito anos e doze dias. Tiveram muito tempo para encontrar o caminho de volta para casa.

YARA

Sabes, é que às vezes eu sonho tanto --

Lelena volta a interromper a neta.

LELENA

Eu também sonho muito com a tua mãe.

YARA

Não é com a mãe que eu sonho, é com o meu pai.

Desolada, Yara empurra a porta do quarto que range e fecha-a atrás de si.

Triste, Lelena olha para os pratos de sopa quase cheios.

27 INT. QUARTO DE YARA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- CONTÍNUO

Yara enrola um poster, revelando um esconderijo na parede, onde vislumbramos dezenas de cópias do CD "País Novo". Retira um caderno com "Nayola" manuscrito na capa, e volta a tapar o esconderijo, desenrolando o poster. Deita-se e desfolha o diário da mãe.

As paredes do quarto estão decoradas com cartazes de ícones da luta pela liberdade e pelos direitos humanos, activistas e feministas.

Pouco depois Yara abraça o diário e dirige o olhar para um mapa de Angola, afixado na parede ao lado da cama. O mapa exhibe vários percursos, assinalados a lápis vermelho, alguns lugares estão rasurados com "X", outros marcados com "?" e outros sinalizados com "NÃO", como se Yara tivesse investigado pistas dos lugares por onde o pai, a mãe ou ambos, tivessem passado.

Regressamos por momentos ao olhar carente de Yara, perdido em divagações.

Yara fecha o diário, pousa-o sobre a mesa de cabeceira, aconchega a cabeça na almofada e apaga a luz.

FADE OUT:

FADE IN:

28 PESADELO DA NAYOLA

As mãos de Nayola desembaraçam um "novelo de escuridão" até percebermos que é um rolo de arame-farpado concertina. Ouve um latido. Entra pelo túnel de arame-farpado, vai alargando os anéis de arame-farpado e avançando, até passar luz

suficiente para vislumbrar um CHACAL com uma pata traseira ferida, enrolada no arame-farpado. As mãos de Nayola tentam remover o arame-farpado da pata do Chacal, mas o animal rosna e contorce-se com dores, embrulhando-se ainda mais no arame-farpado. Nayola consegue libertar o Chacal que salta na direcção dela rosnando.

CUT TO:

29 EXT. COLINA (MATO) -- NOITE

Nayola acorda num grito. Está prisioneira, amarrada ao tronco de uma árvore, junto com o Atirador, a Soldado Desconfiada, o Soldado Barbudo e o Soldado Míope que também sobreviveram ao ataque aéreo.

Tenta libertar-se das cordas, mas não consegue. Um Chacal atrai a atenção de Nayola, ao subir ao cimo da colina defronte. O animal senta-se, imóvel como se fosse uma estátua, e encara-a com um olhar sereno.

A Soldado também olha para o Chacal.

MULHER-SOLDADO DESCONFIADA

Esse chacal anda a rondar-nos desde
que o sol se pôs

O Chacal olha-as misteriosamente.

MULHER-SOLDADO DESCONFIADA

(para o Chacal)

Quando eu morrer vem me buscar.

O ruído da aproximação de passos, cala a Mulher-Soldado Desconfiada.

Três SOLDADOS armados rodeiam-nos. Usam uniformes diferentes dos deles. Um Soldado corta a corda que prendia o Atirador com uma catana. O Atirador levanta-se. Tem as mãos amarradas atrás das costas. Lança um olhar cúmplice a Nayola. O silêncio dói. O Soldado com a catana força o Atirador a baixar a cabeça e a descer a colina, acompanhado por outro Soldado. O terceiro Soldado fica a vigiá-los, de arma na mão. Parece muito jovem. Lá em baixo, os Soldados forçam o Atirador a ajoelhar.

NAYOLA

*(segreda à
Mulher-Soldado)*

O nome de guerra do meu marido é
Venga.

A Soldado desvia o olhar ao ouvir a revelação.

MULHER-SOLDADO DESCONFIADA

O Venga desapareceu no Soyo.

NAYOLA

As pessoas não desaparecem assim, ou estão vivas ou estão mortas, mas estão sempre nalgum sítio.

A Soldado fecha os olhos num discordar cansado.

MULHER-SOLDADO DESCONFIADA

Aqui as pessoas desaparecem muito devagar. Às vezes ainda antes de morrerem.

Calam-se. Ouvimos o coro dos GRILOS, indiferentes aos dramas humanos. O Soldado Míope parece reconhecer o Jovem Vigia.

SOLDADO MÍOPE

Pssst!

O Jovem Vigia baixa-se para prestar atenção ao prisioneiro.

SOLDADO MÍOPE

Sobrinho!?

JOVEM VIGIA

Tio!?

SOLDADO MÍOPE

O que estás a fazer aqui?

O Jovem Vigia olha na direcção dos camaradas para certificar-se que não o ouvem.

JOVEM VIGIA

(murmura)

Eu estou a lutar pelo meu povo.
Estou a lutar pelo meu país.

SOLDADO MÍOPE

Tu devias era estar a estudar.
A minha irmã sabe que estás aqui?

JOVEM VIGIA

(murmura)

Não tio, ela não sabe. Eu vim aqui honrar o nome do meu pai.

O Jovem Vigia bate com o punho cerrado no peito.

SOLDADO MÍOPE

Honrar o nome do teu pai?

JOVEM VIGIA

(murmura)

O tio está a lutar do lado errado.

SOLDADO MÍOPE

Ó rapaz, o que é que tu sabes de lados errados?

JOVEM VIGIA

(murmura)

O que eu sei do lado errado, é que é o lado pelo qual o meu pai lutou e morreu por este país.

SOLDADO MÍOPE

O teu pai era meu irmão e morreu do lado errado.

JOVEM VIGIA

(murmura indignado)

Lado errado pelos que lutaram pela independência e a união do povo angolano?

SOLDADO MÍOPE

Essa também é a minha luta.

O Jovem Vigia aponta o indicador ao peito do tio.

JOVEM VIGIA

(murmura)

Só que está a lutar do lado errado.

SOLDADO MÍOPE

(irritado)

Ó rapaz, outra vez essa conversa do lado errado!

O Jovem Vigia cala-se, olha em redor e afasta-se. O tio baixa a cabeça, muito triste.

Os Soldados executam o Atirador com um tiro e avançam na direcção dos outros prisioneiros.

O Jovem Vigia surge com uma faca na mão, corta a corda e liberta o tio que lhe dá uma bofetada na cara.

SOLDADO MÍOPE

(em Quimbundo)

Vens comigo para casa, imediatamente!

Os dois Soldados chegam à árvore onde tinham amarrado os outros prisioneiros e descobrem que todos desapareceram, incluindo o Vigia. As cordas foram cortadas.

CUT TO:

30 INT. QUARTO DE YARA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- NOITE

Yara dorme profundamente. Uma brisa suave faz balouçar a cortina na janela aberta. A sombra distorcida de uma cabeça com um par de cornos pontiagudos, projecta-se sobre o corpo indefeso da jovem.

Sentado numa cadeira, um MASCARADO, com o rosto encoberto por uma máscara de Chacal com longas orelhas pontiagudas, observa a jovem. Sobras de roupas militares cobrem-lhe o corpo escanzelado, usa umas luvas esfarrapadas e empunha uma catana.

O Mascarado debruça-se tanto sobre Yara que quase lhe toca com a máscara no rosto. Escutamos-lhe a respiração ofegante. Contorna com o indicador as sobrancelhas e o nariz de Yara, mas sem tocar no rosto da jovem. De repente, o rangido da porta do quarto a abrir, fá-lo erguer a catana e colocar-se em postura defensiva, olhando para a porta do quarto.

31 INT. COZINHA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- CONTÍNUO

Lelena abre lentamente a porta do quarto da neta...

32 INT. QUARTO DE YARA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- CONTÍNUO

... e surpreende um intruso armado junto a Yara. Ao vê-la, o Mascarado perfila e encara-a. Iluminado pelo clarão de luz que chega da cozinha, parece enorme, apesar de muito magro.

LELENA

(baixinho, muito nervosa)

Tenha calma. O que queres? Vamos conversar.

MASCARADO

Conversar?! Conversar não mata a fome!

CUT TO:

33 EXT. RIO (SELVA) -- DIA

PÁSSAROS PERNALTAS procuram alimento junto ao rio. Ressoam gritos de animais invisíveis. Nayola está ajoelhada na margem do rio. Olha para a fotografia de Ekumbi que segura na concha

das mãos. Lentamente, abre os dedos das mãos e liberta a fotografia como numa despedida. A corrente arrasta a fotografia rapidamente.

Nayola olha para o céu e expira fundo, mas levanta-se num rompante e desata a correr pela margem e pelo rio adentro, como se desfazer-se da fotografia do marido tivesse sido um acto irreflectido num momento de perca de esperança. Assustados com a presença humana e o chapinhar nas águas, os Pássaros Pernaltas levantam voo.

Nayola procura a fotografia com água pela cintura, mas a corrente já a arrastou para longe. Desesperada, dá um soco na água.

Junto à margem, o Chacal salta e abocanha um Pássaro Pernalta. Encara Nayola com a presa entre os dentes.

CUT TO:

34 INT. COZINHA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- POUCO DEPOIS

Lelena lança um olhar discreto à catana do Mascarado pousada sobre a mesa. O Mascarado afasta a colher com o cotovelo, ergue a tijela para sorver a sopa, mas suspende o movimento encarando Lelena.

LELENA

Eu viro-me de costas.

Lelena vira-se de costas no banco. O Mascarado desvia um pouco a máscara, sorve a sopa com sofreguidão e devolve a tijela a Lelena.

Lelena segura na tijela, levanta-se, dirige-se ao fogão e volta a encher a tijela com sopa.

O Mascarado tem um acesso de tosse, recupera e fareja o chão como se fosse um animal. Lelena dá-lhe a tijela e volta a sentar-se no banco, de costas viradas para o intruso. O Mascarado sorve a sopa de um gole e pousa a tijela sobre a mesa.

Lá fora, estala um aguaceiro tropical e começa a gotejar do tecto sobre o tampo da mesa e no chão da cozinha. O Mascarado coloca a tijela, de modo a recolher os pingos de água, que caem sobre o tampo da mesa.

CUT TO:

MONTAGEM DA BUSCA DE NAYOLA POR EKUMBI DURANTE MAIS 3 ANOS

35 EXT. ESTRADA DE TERRA BATIDA - DIA

Ao som de uma nostálgica canção angolana, Nayola e o Chacal caminham ao longo de uma estrada repleta de REFUGIADAS, que fogem de uma nova frente de guerra, com trouxas à cabeça.

LEGENDA: 1998

DISSOLVE TO:

36 EXT. POVOADO - DIA

Nayola observa um grupo de CIVIS, jovens e adultos, a fugir a um ataque.

DISSOLVE TO:

37 EXT. PISTA DE AEROPORTO -- DIA

Nayola assiste ao desespero dos REFUGIADOS, adultos e crianças, tentando subir a escada de acesso a um avião de resgate para escaparem à guerra.

LEGENDA: 1999

Duas crianças, uma MENINA e um MENINO agarram-se à janela do cockpit do avião. A Menina é resgatada, o Menino talvez.

DISSOLVE TO:

38 EXT. MATO -- NOITE

Canhões de tanques disparam granadas na noite enlutada.

DISSOLVE TO:

39 EXT. CIDADE BOMBARDEADA -- DIA

Nayola caminha numa rua com as fachadas dos prédios metralhadas ou destruídas. A sua busca por Ekumbi parece não ter fim.

DISSOLVE TO:

40 EXT. BASE MILITAR -- DIA

Nayola pergunta por Ekumbi ao SOLDADO MOTORISTA de um camião de transporte com uma bonequinha pendurada no espelho retrovisor interior.

DISSOLVE TO:

41 EXT. CAMPO DE REFUGIADOS DE GUERRA -- DIA

Nayola deambula por entre MULHERES e CRIANÇAS que fugiram aos tentáculos da guerra. Uma epidemia de sofrimento e solidão.

DISSOLVE TO:

42 EXT. ESTRADA -- DIA

Confusa, uma IDOSA muito magra, apoiada numa bengala, aproxima-se de um camião de guerra em marcha lenta. Fome.

DISSOLVE TO:

43 EXT. COLUNA MILITAR -- DIA

Nayola pergunta por Ekumbi ao MOTORISTA de um camião de caixa aberta, repleto de Soldados que celebram uma vitória. Procura Ekumbi em cada rosto.

DISSOLVE TO:

44 EXT. HELIPORTO -- DIA

NAYOLA fala com um OFICIAL, junto a um helicóptero. Solettra o nome, Ekumbi, que não ouvimos, mas que já lhe sabemos ler nos lábios.

DISSOLVE TO:

45 EXT. TORRE DE OBSERVAÇÃO -- DIA

Nayola pergunta por Ekumbi a três soldados. Uma enorme bananeira testemunha o momento.

DISSOLVE TO:

46 EXT. TERREIRO -- DIA



O Chacal contorna o bailado de um AKIXE* que evoca o espírito dos antepassados para pedir paz.

DISSOLVE TO:

47 EXT. MATO -- DIA

Tréguas efémeras. SOLDADOS deixam-se inebriar pelo ritmo do batuque. Nayola é engolida pela nuvem de pó levantada pelas botas dos soldados.

DISSOLVE TO:

48 EXT. CIDADE -- DIA

Nayola pergunta por Ekumbi a um SOLDADO enquanto um CIVIL, vestindo um casaco domingueiro, atravessa a rua a correr, segurando uma arma.

LEGENDA: 2000

Na esquina da rua, um CAMARADA riposta a uma emboscada com uma rajada de metralhadora.

DISSOLVE TO:

49 EXT. QUINTAL -- DIA

Nayola pergunta por Ekumbi a um SOLDADO que adormeceu sentado numa poltrona.

DISSOLVE TO:

50 EXT. COLUNA DE REFUGIADOS -- DIA

Nayola vagueia por entre REFUGIADOS, a pé e empilhados nas caixas abertas de camiões. Detém-se no rosto de cada homem, na esperança de encontrar Ekumbi.

DISSOLVE TO:

51 EXT. ESTRADA -- DIA

PONTO DE VISTA DE NAYOLA DE UM CAMIÃO EM ANDAMENTO

Destruição, até onde a vista dela alcança.

FIM DA SEQUÊNCIA DE MONTAGEM

DISSOLVE TO:

52 EXT. ARREDORES DA CIDADE SITIADA -- DIA

Nayola é a única a descer do camião de caixa aberta repleto de refugiados, junto a um embondeiro e a sinistros avisos de "Perigo Minas". Ao longe, vislumbra uma cidade.

CUT TO:

53 EXT. CIDADE SITIADA -- DIA

Uma GIRAFA deambula, como uma presença insólita, numa cidade devastada pela guerra, com os edifícios despedaçados por obuses de artilharia pesada. Não vemos nem ouvimos ninguém, mas a Girafa roda a cabeça na direcção na avenida principal, avança até ao meio da estrada, e pouco depois, Nayola cruza-

se com a Girafa, sem sequer trocarem um olhar, como se naquele Tempo e Lugar tudo fosse possível. Nayola segue em frente, sob o olhar vigilante do Chacal.

Nayola vira uma esquina. Passa por debaixo do canhão de um tanque de guerra abatido. Ladeia a fachada de uma casa colonial, cujo telhado e 1º andar, se encavalitam um sobre o outro, num "castelo-de-cartas" impossível. No céu, dois paraquedas estão misteriosamente parados com caixotes inacessíveis.

Um bago de arroz cai-lhe em cima da cabeça. Nayola pára. Olha para o céu. Os bagos de arroz caem do caixote partido de um paraquedas parado no ar. Um PÁSSARO esvoaça do interior do caixote.

Nayola agacha-se, enche as conchas das mãos com os bagos de arroz espalhados pelo chão e come-os. O Chacal aproxima-se, Nayola estende-lhe uma mão cheia de arroz, o animal cheira os bagos de arroz, Nayola afaga-o na testa. É a primeira vez que se tocam. O Chacal ouve algo que o faz afastar-se. Nayola recolhe os bagos de arroz do chão para dentro da sacola.

O Chacal assume uma posição defensiva no meio da estrada. Nayola levanta-se. De repente, soam roncões ameaçadores, e três HIENAS assomam numa esquina. Nayola encosta-se à parede de uma casa e mantém-se imóvel. As Hienas cercam-na, mas o Chacal interpõe-se entre elas e Nayola. As Hienas investem contra ele. O Chacal rompe o cerco e escapa-lhes, levando as Hienas atrás dele, mas uma Hiena volta para trás e corre na direcção de Nayola que se refugia dentro da casa.

54 INT. RUÍNAS (CASA COLONIAL) -- DIA

Aflita, Nayola avança gatinhando ao longo de uma divisão, parcialmente obstruída por escombros. A Hiena está cada vez mais próxima, abocanha um sapato de Nayola que pontapeia o animal até se conseguir soltar. Nayola gatinha o mais depressa que consegue. A Hiena persegue-a, mas as ruínas estreitam-se muito e impedem o avanço da corpulenta Hiena que ronca enfurecida. Nayola escapa a rastejar.

Avança gatinhando, evitando ferir as mãos em cacos de louças e vidros partidos, e contornando fotografias empoeiradas dos anos 50/60 de brancos colonialistas.

Finalmente, consegue levantar-se..

55 INT. CORREDOR (CASA COLONIAL) -- DIA

... num corredor largo com painéis de azulejos nas paredes com animais selvagens, rinocerontes, zebras e hipopótamos.

Nayola pára a observar um painel de azulejos que retracta uma angolana com o bebé às costas e uma alcofa à cabeça, repleta de cestaria para vender. Dois anjos brancos emolduram a mãe e o bebé. Nayola arranca um ferro de uma viga e bate repetidamente com o ferro de encontro ao painel. A revolta cresce-lhe no rosto enquanto ouvimos azulejos a partirem-se e a escaqueirarem-se no chão. Finalmente, Nayola larga o ferro e afasta-se. Contemplamos o painel onde mãe e bebé foram libertadas da moldura colonial e da guarda angelical.

Nayola atravessa várias salas até vislumbrar um clarão de luz a sair de um buraco numa porta. Ritmos africanos ressoam do outro lado. Nayola agacha-se, gatinha e levanta-se num salão.

56 INT. SALÃO (CASA COLONIAL) -- DIA

SOLDADOS e REFUGIADOS dançam. Nayola contorna a multidão e chega-se à frente para espreitar o baile. Pára ao lado de uma JOVEM MÃE com uma BEBÉ às costas. A Bebé estende-lhe uma mão, Nayola oferece-lhe os dedos de uma mão. Os dedos da Bebé e de Nayola dançam ao ritmo da música. Alguém anuncia um convidado.

APRESENTADOR (O.S.)

Alô malta! Vamos parar um a música,
mas vamos continuar... com a nossa...
Lotte! Ela vai cantar-nos uma canção.
Madame, s'il vous plait.

Palmas e silêncio.

LOTTE (28 anos), uma enfermeira Belga, gorducha, de longos cabelos louros, veste uma bata e toca brancas e usa uma braçadeira com o logótipo da Cruz Vermelha Internacional, canta numa língua estranha*, iluminada pela luz que entra no salão através de um buraco no tecto feito por um morteiro. A canção entra pelo coração de Nayola como um bálsamo. O Tempo pára, até o ressoar dos motores de um avião, calar Lotte. Os Refugiados precipitam-se para a rua numa correria esfomeada. Os Soldados agarram nas armas e colocam-se em posição de combate, abrigados atrás do que resta das paredes exteriores da casa.

CUT TO:

57 EXT. CÉU -- DIA

Uma aeronave de transporte com o logótipo das Nações Unidas pintado na face inferior das asas, larga vários paraquedas com caixas com mantimentos, com o logótipo do Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas, e afasta-se, como um benfeitor apressado.

58 EXT. AVENIDA PRINCIPAL (CIDADE SITIADA) -- DIA

Os Refugiados juntam-se no meio da estrada, seguindo com olhares desesperados, a lenta descida dos paraquedas. Um paraquedas afasta-se para longe, outro fica inexplicavelmente suspenso no céu, mas outro desce sobre eles como se fosse atraído por um íman faminto. Os Refugiados erguem os braços para o caixote, sob o olhar preocupado de Nayola no salão.

O paraquedas cai sobre os Refugiados como uma rede de pesca sobre um cardume inocente. Nesse instante, vislumbramos os reflexos das espingardas dos SNIPERS, dos dois exércitos em conflito pela posse da cidade, ocultos em miradouros da morte, em cada lado da avenida.

59 EXT./INT./EXT. DEBAIXO DO PARAQUEDAS - AVENIDA PRINCIPAL (CIDADE SITIADA) -- DIA

Mal os Refugiados começam a sair, debaixo do paraquedas, com sacas de arroz à cabeça, os Snipers começam a disparar, fazendo uma razia simétrica nos Refugiados. Os Snipers escondidos à esquerda da avenida abatem os Refugiados da direita enquanto os Snipers ocultos à direita da avenida alvejam os Refugiados da esquerda.

O Chacal assiste ao massacre no topo de um monte de destroços.

A Jovem Mãe, com a Bebê às costas, arrasta uma saca de arroz pelo chão. Um Refugiado sai debaixo do paraquedas com uma saca de arroz, coloca-a ao ombro, e escapa-se a correr. Outro Refugiado sai debaixo do paraquedas, avança para a Jovem Mãe e tenta roubar-lhe a saca de arroz. A Jovem Mãe não larga a saca, resiste aos puxões do Refugiado, cai, mas não larga a saca. O Refugiado arrasta a Jovem Mãe que não larga a saca. Nayola corre para o Refugiado e atira-se sobre ele, derrubando-o. Uma bala atinge a Jovem Mãe e fá-la tombar sem soltar um grito. Nayola soca o Refugiado com uma força que desconhecia ter e bate-lhe com a nuca no chão até ele perder os sentidos.

Por entre os estrépitos das rajadas de armas automáticas, Nayola reconhece um choro de bebê atrás de si. Gatinha até junto da Bebê que esbraceja dentro da bolsa de pano, ainda presa ao cadáver da mãe. Nayola pega na Bebê ao colo, mas a Bebê está em choque. Estrebucha e não pára de chorar. Perturbada, Nayola volta a colocar a Bebê sobre o corpo da mãe.

Nayola olha apreensiva para as mãos, incapazes de embalar um bebê. Por isso, não se apercebe da chegada de Lotte que já serenou a Bebê.

Nayola e Lotte olham-se demoradamente. A enfermeira sorri a Nayola, depois afasta-se a gatinhar, segurando a Bebê com um braço.

Maqueiros com toucas e braçadeiras com o logótipo da Cruz Vermelha Internacional recolhem os feridos e os mortos.

Nayola mantém-se imóvel junto ao cadáver da Jovem Mãe.

No topo do monte de destroços, o Chacal é uma testemunha silenciosa dos horrores da guerra.

BACK TO ASSALTO:

60 INT. COZINHA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- NOITE

Uma melodia de gotas de chuva reproduzida por tachos, baldes e alguidares que recolhem pingos de água no chão da cozinha. Lelena e o Mascarado continuam sentados à mesa. Só resta uma tijela de sopa vazia em cima da mesa.

LELENA

A Guerra já acabou.

MASCARADO

Nós matámos e morremos muitíssimo.
Sobraram poucos para contar como
foi.

LELENA

Eu também sofri muitíssimo. Na Guerra da Independência, os portugueses mataram o meu homem. Fugi do Sul para aqui. Depois na Guerra Civil, perdi o meu genro, logo a seguir...
(*comovida*)
... a minha filha.

O Mascarado cerra os punhos. Lelena encara-o.

LELENA

Como vê, só tem guerra na minha vida.

Num inesperado acesso de indignação, o Mascarado esmurra o tampo da mesa. Os murros fazem saltar a tijela que se estilhaça no chão. Ficam estáticos e fazem silêncio. O gotejar dos pingos de chuva a mergulharem nos tachos, baldes e alguidares, reforça o suspense. A porta do quarto de Yara range a abrir-se.

PONTO DE VISTA DE LELENA

O corpo da neta, resguardado apenas por uma camisa de noite transparente, surge à porta do quarto.

Yara avança, de olhos semicerrados pelo sono, boceja, abre a porta do frigorífico e tira um copo de água.

YARA

(voz ensonada)

Vim só beber água, mamã.

Yara bebe alguns goles de água enquanto observa o excêntrico visitante da avó.

YARA

Não sabia que tinhas companhia.

(bem-humorada)

Quem é este cheio de pongue*, mamã?

Lelena tarda a responder.

LELENA

Um vizinho do antigamente.

YARA

(para o Mascarado)

Gosto da tua máscara de chacal!

O Mascarado aponta para a máscara.

MASCARADO

Este somos nós.

YARA

Yá! Estou contigo, eu acho que toda a gente devia usar uma máscara que mostrasse quem realmente nós somos. Eu, por exemplo, usaria uma máscara de medusa, pareço feita de água e luz, mas se me tentam agarrar, eu queimo!

Yara pousa o copo em cima da mesa, faz concha com uma mão e segreda junto ao ouvido do Mascarado.

YARA

Mas a minha avó usaria uma máscara de hiena.

Lelena finge que não ouviu e olha pelo canto do olho para os cacos de vidro junto aos pés descalços da neta.

LELENA

Cuidado com os vidros.

Yara ignora o conselho da avó.

MASCARADO

(para Lelena)

O que é feito da mãe dela?

Yara antecipa-se à resposta da avó.

YARA

(com desencanto na voz)

Abandonou-me.

Lelena corrige a neta.

LELENA

Nada! Desapareceu durante a guerra.

Yara cruza os braços aborrecida.

MASCARADO

Quem sabe ainda volta.

YARA

(para o Mascarado)

Um instante. Vou buscar uma cena para te mostrar.

Yara dirige-se ao quarto.

Lelena suplica ao Mascarado em voz baixa:

LELENA

Por favor, vá-se embora daqui!

O Mascarado não reage à súplica de Lelena.

Yara reentra na cozinha com o diário na mão.

YARA

Vou lhe dar a ouvir uma grande verdade da minha mãe, assim como a sua máscara.

LELENA

Que disparate Yara! Não podes fazer isso!

MASCARADO

Gostávamos muito.

Lelena olha surpreendida para o Mascarado enquanto Yara desfolha o diário, até encontrar a página que pretende, e começa a ler.

YARA

(*lê*)

Sonhei com um homem correndo. O homem estava nu e corria no capim alto. Ouvi tiros.

CUT TO:

61 MEMÓRIA POÉTICA DE NAYOLA

Chove sobre um charco cinzento. O rebento de uma mulemba desponta no charco.

YARA (O.S.)

(*lendo*)

Caiu de bruços na lama. Afundou-se. Desapareceu.

O rebento cresce prodigiosamente, transformando-se numa mulemba descomunal.

YARA (O.S.)

(*lendo*)

Chovia. Ouvi mais tiros. Depois passaram soldados.

O tronco da mulemba trespassa as nuvens.

YARA (O.S.)

(*lendo*)

Então uma árvore começou a crescer no lugar onde o homem desapareceu. Uma mulemba, muito, muito alta.

O tronco da mulemba ramifica-se no céu em dezenas de dedos verdes e castanhos.

Yara pára de ler e suspira.

YARA

(*para o Mascarado*)

Sabe, é bom o senhor estar aqui a ouvir. Até parecemos quase uma família.

Yara fecha o diário.

MASCARADO

Já acabou?

Yara reabre o diário.

CUT TO:

62 EXT. APEADEIRO DE UMA ESTAÇÃO DE COMBOIO -- DIA

Nayola aproxima-se do apeadeiro. O Chacal segue-a a uns metros de distância. Senta-se uns segundos a descansar e depois volta a segui-la.

Nayola espreita por uma porta envidraçada, depois por uma janela com os vidros partidos, mas não vê vivalma.

Desce do cais, para a linha férrea. Afasta-se a caminhar sobre os carris quando uma voz masculina a faz parar.

CHEFE DA ESTAÇÃO (O.S.)

Ó menina, não fique aí. É perigoso.

Nayola vira-se e depara com um homem magro, desdentado, de barba afilada, boné e uniforme de ferroviário, com uma bandeira vermelha enrolada na mão. Nayola aproxima-se dele.

CHEFE DA ESTAÇÃO

A guerra acabou e o comboio vai passar.

NAYOLA

O Mais-Velho trabalha aqui?

CHEFE DA ESTAÇÃO

Trabalho. O meu pai trabalhou aqui. O meu avô também trabalhou aqui e eu continuo a trabalhar aqui.

Nayola olha para a linha de comboios.

NAYOLA

Onde vai dar esta linha?

O Chefe da Estação aponta o destino com a bandeira.

CHEFE DA ESTAÇÃO

Vai dar à cidade de Luanda.

Nayola baixa a cabeça e fecha os olhos ao ouvir a palavra Luanda. Ouve o Chacal uivar. O vento agita-lhe os cabelos. A voz do Chefe da Estação ressoa-lhe na cabeça.

CHEFE DA ESTAÇÃO

O vento está a mudar. A paz está a chegar para aqueles que não foram mordidos pela guerra. Paz.

CHEFE DA ESTAÇÃO

(grita)

Paz, paz, paz!

Desata a rir às gargalhadas.

CHEFE DA ESTAÇÃO

*(repete em Umbundo, o
aviso que o Atirador
lhe fez nas montanhas)*

Aqui dentro é a casa dos mascarados
e ninguém sai.

O Chacal solta um ganido e avança pelo trilho do comboio, mas na direcção oposta. Nayola vira as costas a Luanda e segue o Chacal.

CHEFE DA ESTAÇÃO

Então, porque é que vai por aí?
Por aí não vai dar a lado nenhum.
Por aí vais sair no rio Okavango.
O rio que morre no deserto.

*(inspira e comenta
consigo próprio)*

Que bela morte, uma morte cheia de
vida.

Faz concha com as mãos junto aos lábios e grita a Nayola.

CHEFE DA ESTAÇÃO

Tenha cuidado! A guerra acabou, o
comboio vai passar. Paz, paz, paz!

O Chefe da Estação caminha até à extrema do pequeno cais, imitando o som de um comboio invisível em andamento e do seu apito. Depois solta gargalhadas alienadas.

CUT TO:

63 EXT. LINHA FÉRREA -- DIA

Nayola e o Chacal caminham por entre os carris da linha férrea, até chegarem a um troço, que contorna um desfiladeiro, que foi dinamitado.

64 EXT. TROÇO DA LINHA FÉRREA SABOTADO -- DIA

Nayola olha desolada para os carris da linha férrea, uma dezena de metros à sua frente. Lá muito em baixo, o rio corre barracento.

O Chacal saltita por entre as pedras encrustadas na encosta lamacenta para alcançar o outro lado da linha. Pára e fica à espera que Nayola o siga.

Começa a chover.

65 EXT. ENCOSTA DO MONTE -- DIA

Nayola pousa os pés, muito devagar, nas pedras que o Chacal calcou, mas escorrega várias vezes. A chuva cai com mais intensidade. A lama começa a escorregar pela encosta, desenterrando ossadas e minas que estavam soterradas. O Chacal agita-se, ansioso.

Uma mina desliza na direcção dela. Nayola contorce-se e consegue evitar o toque. A mina passa a centímetros dela. De repente, um deslizamento de lamas fá-la escorregar metros na encosta. Nayola debate-se, tenta agarrar-se a algo, mas uma onda de lama-e-minas ergue-se por cima dela e engole-a.

Nayola tenta nadar, mas é arrastada pelo turbilhão de água e lama, desmaia e afunda-se.

CUT TO:

66 FANTASIA IDÍLICA DE NAYOLA

Nayola e Ekumbi estão sentados no chão, encostados ao tronco de uma árvore. Nayola tem Yara bebé ao colo.

DISSOLVE TO:

Nayola e Ekumbi continuam sentados no chão, mas agora é Ekumbi quem brinca com Yara bebé. Nayola anicha-se nas costas de Ekumbi.

DISSOLVE TO:

Yara criança aparece por entre as pernas de Nayola. Dá uma mão à mãe que se senta a contemplá-la. Abraçam-se. Nayola eleva Yara com os joelhos e a criança abre os braços como se fossem asas de um avião.

DISSOLVE TO:

Sentada no chão, Yara criança brinca com a cauda de um cão malhado. Nayola e Ekumbi observam a filha e entreolham-se apaixonados. Ekumbi beija Nayola.

DISSOLVE TO:

Nayola e Yara Criança caminham lado-a-lado. Ekumbi surge por detrás da filha, coloca-a às suas cavalitas e avançam na direcção que a criança aponta.

DISSOLVE TO:

Nayola, Ekumbi e Yara estão sentados no areal de uma praia fazendo um triângulo mágico. Yara criança cobre os pés dos pais com areia. Ekumbi apoia a mão na areia, fazendo um molde da sua mão. Nayola imita-o. Yara imita-os, fazendo um molde da sua mãozinha no meio dos moldes das mãos dos pais.

DISSOLVE TO:

Yara menina sente o vaivém da maré nos pés. Já tem o olhar rebelde da futura activista dos direitos humanos em que se vai tornar. Nayola abraça a filha. Yara sorri e fecha os olhos na protecção do escudo materno.

DISSOLVE TO:

Yara menina deita a cabeça sonolenta sobre o tampo da mesa enquanto os pais levantam os pratos do jantar.

YARA (O.S.)

(lendo)

Ontem percorri a cidade inteira,
arrastando a minha barriga de grávida.
As pessoas me olham com pena.

BACK TO ASSALTO:

67 INT. COZINHA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- NOITE

YARA

(lê)

Não quero a piedade de ninguém.

Pára a leitura e dirige-se ao Mascarado.

YARA

Diga-me, você deixaria para trás a
sua filha de dois anos, para ir à
procura da sua mulher?

O Mascarado encolhe os ombros e aponta para o diário.

MASCARADO

Posso ver?

Yara estende-lhe o diário. O Mascarado tira as luvas e pousa-as sobre a mesa. Pega no diário, por fracções de segundo os seus dedos tocam nos dedos da jovem. O Mascarado desfolha o

diário delicadamente. Lelena fixa o olhar nas mãos do Mascarado.

De repente, a SIRENE de um carro da Polícia invade aquele recanto do musseque. O Mascarado levanta-se com o diário na mão, tira a catana de entre as pernas, empunha-a com a mão livre e avança até à porta da rua. Afasta uma ponta da cortina da janela e espreita para o exterior.

PONTO DE VISTA DO MASCARADO

A Pick Up da polícia bloqueia o caminho próximo da casa de Lelena. Um Polícia indica a outro Polícia, uma casa defronte.

Yara olha, surpreendida, para a arma na mão do conhecido da avó.

YARA

*(sussurra à avó,
desconfiada)*

Quem é este homem, mamã?

O Mascarado continua a espreitar para o exterior pela janela da porta da rua.

LELENA

(segreda à neta)

É um gatuno.

YARA

(sussurra)

Este desgraçado ameaçou-te?

Lelena não confirma nem nega.

YARA

(sussurra)

Isto vai já mudar de chefe.

Lelena agarra a mão da neta.

LELENA

(murmura)

Não faças isso Yara, que ele ainda nos mata!

YARA

(segreda)

Fica calma mamã, confia em mim.

O Mascarado acerca-se delas.

MASCARADO

(sussurra)

A polícia está atrás de nós.

Lelena levanta-se da mesa.

LELENA

(prestável)

Fuja pela janela. Venha que eu mostro-lhe. Vamos.

O Mascarado guarda o diário debaixo do braço.

YARA

(subindo o tom de voz)

Nem pensar nisso! O diário da minha mãe fica comigo.

O Mascarado afasta o diário do alcance de Yara.

YARA

*(para a avó,
desorientada)*

Espera aí mamã, quem é este homem?

Lelena não consegue nem encarar nem a responder à neta.

YARA

*(para o Mascarado,
emocionada)*

O senhor... é o meu pai?

LELENA

Que disparate Yara!

Irritado, o Mascarado aponta a catana à Lelena.

Ardilosa, Yara adopta um tom submisso.

YARA

Tudo bem. Leva tudo o que quiseres e vai-te embora.

Lelena dirige-se para o quarto da neta, seguida pelo Mascarado que baixa a guarda. Yara sobe para cima da mesa, salta para as costas do Mascarado e agarra-o pelo pescoço. Consegue derrubá-lo. Caem no chão com estardalhaço. O Mascarado larga a catana. Yara agarra na catana, levanta-se e aponta a arma ao Mascarado que se senta no chão com um violento ataque de tosse cavernosa.

Lelena interpõe-se entre a neta e o Mascarado.

LELENA

(sussurra)

Calma Yara! Não nos desgraces.

YARA

(sibila)

Sai da frente mamã!

LELENA

(pede à neta, arfando)

Não faças isso.

O Mascarado levanta-se.

MASCARADO

(para Yara)

Deixa-nos ir. É o melhor para todos.

YARA

Quieto ou deixo-te todo espatifado.

Lelena segura a neta impedindo-a de se aproximar do Mascarado.

YARA

Mamã abre a porta e chama esses
polícias para virem rápido.

Lelena encaminha-se para a porta da rua, mas detém-se a meio.

LELENA

(hesitante)

E se é a ti que eles querem apanhar?

Yara fica sem palavras como se a realidade lhe tivesse dado
um soco no estomago.

MASCARADO

(surpreendido)

A ela?

Yara aponta a catana ao Mascarado.

YARA

Cala-te!

MASCARADO

O que é que fizeste para virem atrás
de ti?

YARA

Cantei as minhas músicas! As minhas
verdades!

LELENA

Por favor Yara, vai para o
esconderijo.

Yara volta a apontar a catana ao Mascarado.

YARA

(para o Mascarado)
O diário não sai desta casa!

LELENA

(para o Mascarado)
Vai devolver o diário, não vai?

O Mascarado confirma num aceno.

YARA

(para o Mascarado)
Tu, senta-te à mesa, tira a máscara
e, se te perguntarem, és visita dela.

Dá a catana à avó.

YARA

(sussurra à avó)
Não o percas de vista, mamã.

Lelena aceita a catana. Yara dirige-se ao quarto, abre a
porta, mas antes de entrar, ameaça o Mascarado.

YARA

Se lhe acontece alguma coisa... vou
atrás de ti até ao inferno.

Yara fecha a porta do quarto com força.

Lelena pousa a catana sobre uma cadeira e segura nas mãos do
Mascarado.

LELENA

(emocionada)
Reconheci-te pelos dedos das mãos.
Deixa-me ver-te.

Ouvem os Polícias a bater à porta de casa dos vizinhos. O
Mascarado dirige-se à porta da rua, levanta a ponta da cortina
e espreita para o exterior.

Lelena faz um trejeito de desilusão.

68 EXT./INT. COZINHA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- CONTÍNUO

PONTO DE VISTA DO MASCARADO

Os Polícias que emboscaram Yara na cidade, batem à porta de casa dos vizinhos de Lelena.

POLÍCIA

Abram a porta! Polícia!

A VIZINHA abre a porta. O Chefe mostra-lhe o CD "País Novo" com a fotografia do rosto de Yara na capa. A Vizinha nega reconhecer o rosto, mas fixa o olhar na ruela em frente, gesto que não passa despercebido ao Chefe.

O Mascarado ajeita a cortina da janela depois de presenciar aquela denúncia involuntária.

LELENA

Ainda estás zangada comigo?

O Mascarado volta-se para Lelena e tira a máscara. Lelena fica chocada ao ver o rosto martirizado da filha. Nayola curva-se sobre o ventre para tossir, mas não consegue. Tenta tossir e volta a não conseguir. Engasga-se. Aflita, senta-se no chão de encontro à porta da rua. Finalmente, regurgita um estilhaço metálico que rodopia pelo chão da cozinha, perante o olhar incrédulo da mãe. Nayola remete-se ao silêncio. Lelena pousa a catana no chão, pega na cadeira e senta-se à frente da filha.

NAYOLA

Precisava ver a Yara.

LELENA

E a tua mãe?

Nayola encara a mãe. Um silêncio arrependido instala-se entre elas.

CUT TO:

69 EXT. RIO -- DIA

Splash! O Chacal puxa Nayola com toda a força das suas mandíbulas, pela camisola, recuando, passo-a-passo, até a arrastar, inanimada, para cima do destroço flutuante da proa de uma lancha militar.

70 EXT. FRAGMENTO DA PROA DE UMA LANCHA MILITAR (RIO) -- MAIS TARDE

Nayola recupera os sentidos. Tosse e cospe água e lama.

PONTO DE VISTA DE NAYOLA

O rio transmite uma paz desconcertante, ladeado por mangais que se reflectem na água.

PONTO DE VISTA AÉREO

O rio desagua no deserto sedento, ramificando-se em ribeiros que formam uma cabeleira mágica.

BACK TO:

71 EXT. FRAGMENTO DA PROA DE UMA LANCHAS MILITAR (RIO) -- POUCO DEPOIS

O fragmento de proa vai navegando ao sabor dos caprichos da corrente. Nayola adormeceu sentada com a cabeça apoiada sobre um joelho. O Chacal viaja sentado numa postura vigilante. Uma LIBÉLULA sobrevoa-os. O Chacal persegue-a com o olhar.

Finalmente, o rio desagua no deserto e uma nuvem de vapor de água sobe no céu como uma bênção pacificadora que desperta Nayola. O fragmento de proa encalha suavemente nas areias escaldantes, junto a outros destroços da guerra arrastados pela corrente.

O Chacal avança pelo deserto adentro sem hesitar.

Nayola desce do fragmento de proa e segue o animal.

CUT TO:

72 EXT. DESERTO -- DIA

O Chacal pára, encosta um ouvido à areia. Nayola imita-o. O som do rio, a jorrar debaixo da terra, surpreende-a. O Chacal faz-lhe uma carícia com o focinho nos cabelos e parte.

Nayola deixa-se ficar por instantes, com o rosto colado à areia, a escutar o borbulhar do rio subterrâneo. Depois levanta-se e põe-se em marcha, ignorando o pequeno oásis atrás dela.

73 EXT. DUNAS (DESERTO) -- MAIS TARDE

O Chacal sobe-e-desce, ao longo das cristas de uma cordilheira de dunas. Nayola continua a segui-lo, mas numa marcha cada vez mais cambaleante.

74 **EXT. VALE DO INFERNO (DESERTO) -- ENTARDECER**

O Chacal e Nayola afastam-se na linha do horizonte até serem dois pontos tremelicantes no areal escaldante e Nayola desmaiar na imensidão de um vale árido.

NAYOLA (O.S.)

*(orgulhosa, em
Quimbundo)*

A Yara é forte. Cheia de lutas...

BACK TO ASSALTO:

75 **INT. COZINHA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- CONTÍNUO**

Lelena e Nayola continuam a conversar, sentadas nas mesmas posições.

NAYOLA

*(orgulhosa, em
Quimbundo)*

... e de ideais. Tal e qual o pai.

LELENA

Esta menina já me aprontou algumas.

(em Quimbundo)

Um dia, pegou na única fotografia tua que eu tinha. Agarrou num frasco de verniz vermelho para as unhas e pintou-te os lábios, o nariz, os olhos e até as sobrancelhas. Disse-me que queria pôr a mãe, ainda mais bonita. Sem querer, entornou o frasco de verniz na foto e ficou tudo vermelho.

Nayola cobre os lábios com a mão para abafar o riso.

YARA (O.S.)

Porque é que estão a falar em Quimbundo?

Lelena vira-se para a neta, que a encara altiva, junto à porta do quarto. O corpo volumoso de Lelena impede Yara de ver Nayola que aproveita para colocar a máscara.

YARA

Mas, o que é que não querem que eu entenda?

LELENA

Volta para o esconderijo, miúda.

LELENA
(em Quimbundo)
Estás doida?

Yara fecha a porta do quarto, irritada.

Lelena e Nayola entreolham-se, riem em surdina do caricato da situação e depois calam-se como se as gargalhadas não pertencessem aquele momento.

LELENA
Fica connosco. A tua filha precisa de ti.
(em Quimbundo)
Ainda podes voltar desse sofrimento.

NAYOLA
Ninguém volta da guerra, mamã.

Um silêncio de gelo interpõe-se de novo entre mãe e filha.

Soam pancadas violentas e insistentes na porta da casa delas. Levantam-se.

POLÍCIA (O.S.)
Abram a porta! Polícia!

Lelena recua e faz cair a cadeira que embate no chão com um ruído seco. Nayola pega na catana. Aguardam ansiosas.

POLÍCIA (O.S.)
Abra! Vou derrubar a porta!

O Polícia voltar a bater na porta da rua, desta vez ainda com mais força.

Lelena encara a filha com um olhar pesaroso e abraça-a com comoção. Nayola demora, mas acaba por abraçar a mãe.

O Polícia não pára de bater na porta da rua e o puxador da porta está quase a saltar.

Nayola ajuda Lelena a sentar-se de encontro à parede. Tira o diário debaixo da camisola e entrega-o à mãe que o aceita com um nó na garganta. Nayola abre a porta e sai para a rua, num sacrifício supremo, fechando a porta atrás de si.

Ficamos com a dor de uma mãe estampada no rosto de Lelena.

POLÍCIAS (O.S.)
Catana no chão. Nem mais um passo.
Calma! Fica quieta! Senão eu vou disparar! Eu vou disparar!!

Ouvimos um uivo dilacerante de Chacal.

CUT TO:

76 EXT. DESERTO -- NOITE

A silhueta de um magnífico ÓRIX, destaca-se do interior de uma Lua Cheia deslumbrante. Ao ver o Órix, o Chacal levanta-se, dá um passo em frente e fica à espera, sem se afastar do corpo inerte de Nayola.

O Órix avança na direcção de Nayola e do Chacal. Camuflados na silhueta do Órix, assomam três batedores SAN, armados de arcos e flechas.

Um SAN escava um buraco com as mãos, depois espeta uma cana bem fundo e suga água da terra. Guarda a água numa cabaça, debruça-se sobre Nayola e derrama-lhe água sobre os lábios, sob o olhar atento do Chacal.

Os San prendem uma padiola ao Órix, deitam o corpo de Nayola na padiola e põem-se em marcha. O Chacal segue-os à distância.

Caminham até chegarem a uma formação rochosa, no topo de uma duna gigante.

77 EXT. FORMAÇÃO ROCHOSA (DESERTO) -- NOITE



O Órix e os San sobem a duna gigante, chegam à formação rochosa e param junto a uma enorme WELWITSCHIA*. Dois San tiram Nayola da padiola e carregam-na para o interior de uma caverna. O Chacal segue-os.

O terceiro San debruça-se sobre a Welwitschia e rega-a com a água da cabaça. Depois invoca a Welwitschia através de uma misteriosa dança.

78 INT. CAVERNA -- NOITE

Uma labareda desponda da ponta do pau que um San usa para atear uma fogueira, friccionando-o de encontro a ramos secos. Num ápice, as chamas crescem e iluminam a caverna.

Vemos dois San junto ao corpo inerte de Nayola, deitado no chão. O serpentear das chamas deforma os corpos dos San e do Chacal, em sombras fantasmagóricas, que se projectam nas rochas que os rodeiam.

CUT TO:

79 EXT. FORMAÇÃO ROCHOSA (DESERTO) -- NOITE

A Welwitschia move-se e coloca-se de pé. Encara a Lua Cheia. Parece um fóssil vivo, sentinela de um mundo perdido, acordada para participar num ritual. Dirige-se lentamente para dentro da caverna.

CUT TO:

80 INT. CAVERNA -- NOITE

Um San ata os pés de Nayola com uma corda. Outro San traz uma cabaça e pousa-a no chão, junto ao companheiro, que coloca o resto da corda dentro da cabaça.

A Welwitschia acaricia a cabeça do Chacal com os dedos-filamento. O Chacal abre a boca. A Welwitschia enfia os dedos-filamento, bem fundo, nas entranhas do Chacal e recolhe coalho do estômago do Chacal. Depois inclina-se sobre Nayola, abre-lhe a boca e enfia os dedos-filamento com o coalho, bem fundo, no corpo de Nayola.

CUT TO:

81 EXT. FORMAÇÃO ROCHOSA (DESERTO) -- NOITE

Os três San escalam a formação rochosa carregando a corda até ao rochedo mais alto.

CUT TO:

82 INT. CAVERNA -- NOITE

A Welwitschia recolhe o coalho do estômago de Nayola e espreme-o entre os dedos-filamento, fazendo escorrer um líquido ocre para dentro de uma pequena cabaça.

A Welwitschia mergulha os dedos-filamento no líquido ocre e faz uma pintura facial no rosto de Nayola.

Depois, pousa a malga no chão da caverna e afasta-se.

O Chacal aproxima-se e cheira o líquido ocre. Mergulha a pata no líquido ocre, entorna líquido no chão, desliza a pata sobre o líquido e faz um traço no chão. Depois desenha uma pinta junto ao traço.

O Chacal faz uns gatafunhos, com a pata suja do líquido ocre, no chão da caverna.

CUT TO:

83 EXT. FORMAÇÃO ROCHOSA (DESERTO) -- NOITE

A mão de um San tira uma COBRA sem fim, do interior da cabaça. A cobra fica rígida como se fosse uma flecha. O San arma o arco com a flecha-cobra que abre a boca mostrando os dentes aguçados. O San faz pontaria à Lua e dispara.

CUT TO:

84 EXT. CÉU -- NOITE

A flecha-cobra sobe no céu e crava-se na Lua.

CUT TO:

85 INT./EXT. FORMAÇÃO ROCHOSA (DESERTO) -- NOITE

Nesse momento, a Welwitschia regressa ao seu corpo de planta jurássica cheia de segredos milenares.

Do topo dos penedos, os San soltam a corda que fica suspensa no ar, presa à Lua Cheia.

CUT TO:

86 INT. CAVERNA -- NOITE

Magicamente, Nayola começa a ser arrastada, pelos pés atados, na direcção da abertura da caverna.

Empinado nas patas traseiras, o Chacal pinta gatafunhos numa parede da caverna que se assemelham a representações simplificadas de pessoas. A sua sombra guia-lhe a mão como se tivesse vida própria.

CUT TO:

87 EXT. CÉU -- NOITE

Nayola está suspensa no céu, pendurada de cabeça para baixo, atada pelos pés à corda que a une à Lua Cheia. Um cordão umbilical mágico. Começa a rodopiar lentamente como uma flor a ser soprada pelo Cosmos.

88 INT. CAVERNA -- NOITE

Surpreendentemente, o Chacal ganhou mãos humanas, segura na malga com uma mão e mergulha o indicador da outra mão no líquido ocre.

O plano abre para revelar que à medida que o Chacal pinta, se vai humanizando. Já pintou quase toda a abóbada da caverna. Tem sombra humana.

CUT TO:

89 EXT. CÉU -- NOITE

O corpo de Nayola é sacudido por convulsões. Nayola abre a boca e regurgita todo o tipo de armas e de munições.

CUT TO:

90 EXT. FORMAÇÃO ROCHOSA (DESERTO) -- NOITE

Um ferro-velho maldito e tóxico, tomba sobre a areia e rola na vertente da duna, até se cravar no deserto como uma memória insuportável da Guerra.

FADE OUT:

POLÍCIA (O.S.)

Vou disparar!! Vou disparar!!

Ouve-se uma rajada de metralhadora.

FADE IN:

BACK TO ASSALTO:

91 EXT. CASA DE LELENA (LUANDA) -- NOITE

PONTO DE VISTA DE LELENA

Os Polícias colocam o cadáver de Nayola na caixa da Pick-Up.

À porta da rua, Lelena fica a vê-los afastarem-se, com a sirene e o giroflex ligados.

Mal os feixes de luz azul rotativa desaparecem, Yara surge por detrás da avó e abraça-a pelas costas. Guardam silêncio durante uns segundos.

YARA

Conhecias esse homem, mamã?

Lelena nega num discreto aceno de cabeça, como uma matriarca capaz de tudo para proteger a família.

CUT TO:

92 INT. CAVERNA -- DIA

Os raios de sol invadem a caverna como uma língua de calor e vida que aquece Nayola, inerte no chão, vestida com farrapos militares. Nayola evoca uma Bela Adormecida Negra com uma máscara tradicional de chacal numa hibernação trágica.

O Chacal desapareceu.

Nayola acorda. Ao sentar-se tem um acesso de tosse. Tira a máscara. Olha surpreendida para a máscara e para as roupas que tem vestidas. Procura em redor, mas não vê ninguém. A claridade matinal revela pinturas na rocha à sua frente.

Nayola contempla as pinturas, combates de soldados com metralhadoras no lugar dos braços, um avião de combate a cuspir mísseis, refugiados esfomeados de braços erguidos para paraquedas, um Chacal incrédulo a assistir à bestialidade da guerra.

Nayola reconhece a palma da mão de Ekumbi estampada na rocha. Viu-a quando estava entre a vida e a morte, a afogar-se num mar de lama e de minas, recordando Yara a moldar a mãozinha na areia, entre os moldes das palmas das mãos dos pais.

Nayola coloca a palma da sua mão sobre a estampa da palma da mão do marido. Encosta o rosto à rocha, sente-a quente, sente Ekumbi, sorri.

CUT TO:

93 INT. QUARTO DE YARA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- NOITE

Yara coloca algumas peças de roupa dentro da mochila.

CUT TO:

94 INT. COZINHA - CASA DE LELENA (LUANDA) -- NOITE

Lelena dá à neta uma trouxa com comida. Yara guarda-a na mochila e suspira.

YARA

Tenho que desaparecer durante uns tempos. Aguentas-te sozinha?

Lelena acena afirmativamente, devolve o diário à neta. Yara sorri, guarda o diário da mãe e fecha a mochila. Abraçam-se comovidamente. Yara põe a mochila às costas e abre a porta da rua.

CUT TO:

95 INT. FORMAÇÃO ROCHOSA (DESERTO) -- DIA

Nayola segura a máscara, olha-a com ternura, reconhecendo o rosto do Chacal que a guiou na sua busca, que a salvou várias vezes, que a trouxe até aquele lugar mágico para lhe dar uma segunda oportunidade de vida. Ekumbi reencarnou num Chacal. Nayola coloca a máscara como se beijasse Ekumbi.

CUT TO:

96 EXT. CASA DE LELENA (LUANDA) -- NOITE

Cautelosa, Yara olha para todos os lados, confirma que não há polícias à espreita e corre furtiva na calada da noite.

CUT TO:

97 EXT. CASA DE LELENA (LUANDA) -- NOITE

Lelena retoma a costura do "traje de panos", faz uma pausa e encara a moldura com a fotografia de Nayola.

Um segredo trágico fica guardado entre mãe e filha.

CUT TO:

98 EXT. FORMAÇÃO ROCHOSA (DESERTO) -- DIA

Nayola afasta-se, a caminhar sobre o declive da duna, repleto das armas e munições oxidadas que ela regurgitou, até se embrenhar na vastidão do deserto e ser apenas um ponto minúsculo. Um bago de arroz.

FIM